

REDATORES

- Helena Wronski
- William Callia
- Vicente Amato Netto
- Victor Nussenweig
- Joseph Feher

(Registrado no D.N.I.)

Orgão oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Red. Chefe - Matinas Suzuki

Diretor - WALTER BELDA

Red. Secretário - Adhemar Fiorillo
Red. Tesoureiro - J. Silva Villela

Ano XVI

SÃO PAULO - OUTUBRO DE 1948

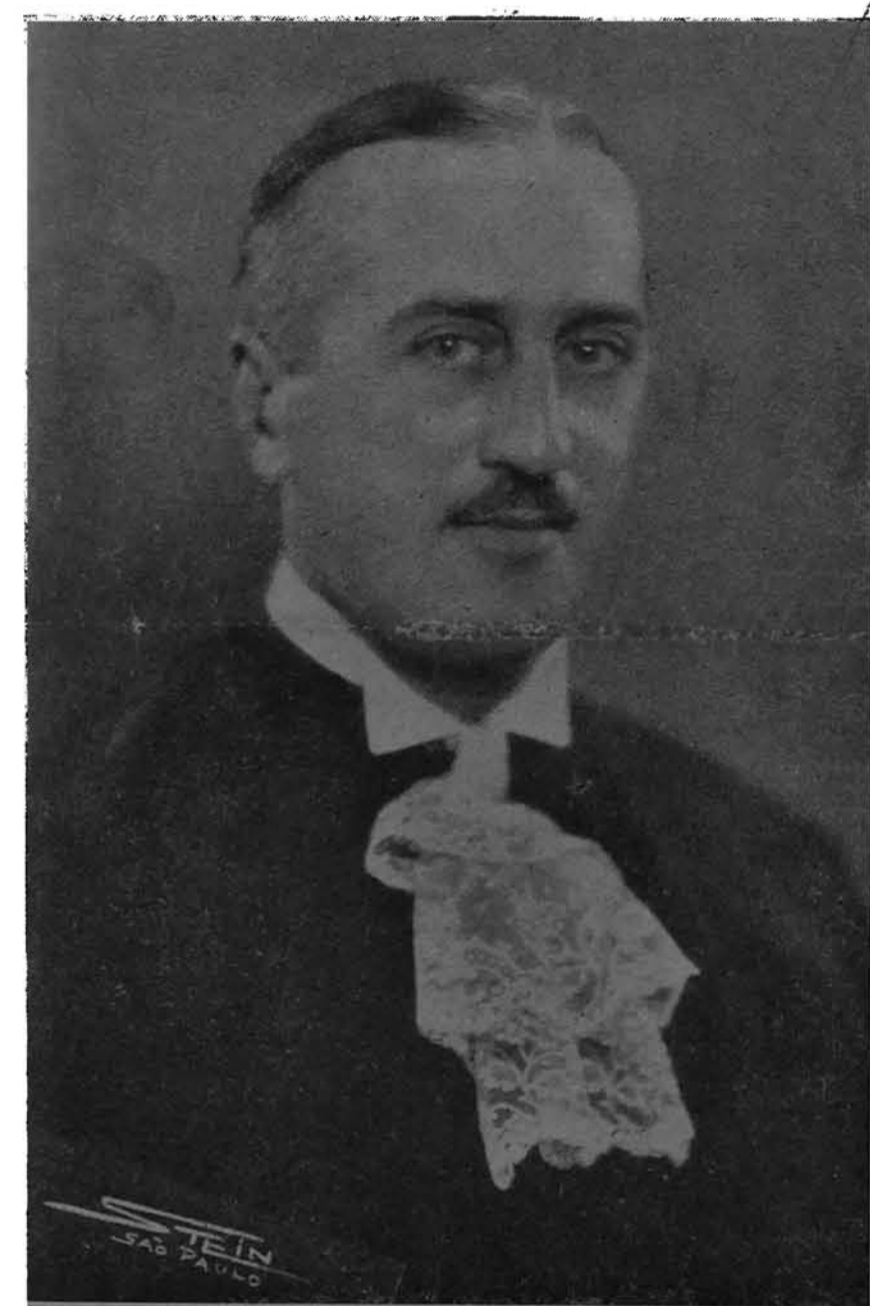
Numero 55

Dados auto-biograficos do Prof. José Oria

35.º aniversário do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz»

Inque brevi spatio mutantur soecia animatum et quasi cursoris, vitae lam pada tradunt.

(Lucrecio, De Nat. rerum)



JOSE' ORIA, médico.
Filho de: Sábado Oria e Carmela Carolina Morena.
Nascido aos 22 de fevereiro de 1905 em S. Paulo, Capital.
Casado com Dna. Yolanda Bacchini Oria.
Uma filha: Heloisa, nascida em 1931.
Cursou:
a) Grupo Escolar Sul da S. (1910-1913); b) Ginásio do Carmo (1914-1918); c) Ginásio Oswaldo Cruz (1919-1920); d) Instituto Ciências e Letras (1921); e) Ginásio Oswaldo Cruz (1922); Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1923); Faculdade de Medicina de S. Paulo (1924-1928).
2.º Assistente de Histologia e Embriologia sob regime de tempo integral na Faculdade de Medicina de S. Paulo (1929). Assistente-chefe de Laboratorio com funções didáticas técnico-científicas e administrativas (1934).
Sócio fundador da Associação Paulista de Medicina; da Soc. de Biologia de S. Paulo; corresponden-

te da Soc. de Neurologia e Psiquiatria do Rio de Janeiro. Presidente da seção cultural dos Fundos Universitários de Pesquisas na Faculdade de Medicina.
Láurea média com distinção (1928). Docência livre de Histologia e Embriologia, idem, (1936). Prêmios "Diogo de Faria" de 1939 e 1944.
Desde 1927 vem trabalhando em pesquisas de Histologia e Embriologia. Tem se dedicado a estudos sobre sangue. Tese inaugural versando sobre hematologia dos Xenarthra brasileiros (1928). Inúmeros trabalhos de hematologia comparada e humana até a presente data. Investigou pela 1.ª vez em São Paulo a "Endometriose" (1934), certas relações endócrino-histológicas entre organismo materno e dos recém-nascidos (1936). Recenção sobre a teoria do neurônio (1936). Embriologia do "Tapirus americanus" (1938). Pesquisas (as primeiras na literatura e em colaboração com Jairo Ramos) sobre as alterações do Simpático cardíaco no "mal de engasgo" (1939). Outros trabalhos: Simpatoxonias (1937). Estrutura

"Eis que em breve tempo se mudam as gerações dos seres vivos e, quais os corredores, vão elas de uma a uma passando o facho da vida" Assim também nós vamos anualmente recebendo, dos que nos precedem e, entregando, aos que veem depois, a chama do ideal que guiou os que, em 1913, fundaram o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz.

E foi esse facho de luz que, saindo do coração dos que movidos pela vontade de trabalhar pelo bem comum formaram as sucessivas diretorias, alumiu o caminho que conduziu a grandes realizações de que hoje nos orgulhamos.

E vimos, fruto de lutas titânicas, o transformar-se uma idéia no que hoje constitui o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz. Vimos surgir o Estádio, a Liga de Combate a Sífilis, e a construção do Hospital das Clínicas.

E vamos hoje, ainda como consequência do princípio norteador dos que trouxeram ao mundo nosso Centro Acadêmico, que a luta continua e que as gerações posteriores são dignas do que lhes foi legado.

Vemos que a sinceridade, o amor à Pátria, o amor à Ciência, está mais do que nunca inflamado no coração de todos nós. Eis para demonstrá-lo as Campanhas Medico-Sociais, a Campanha pela Nacionalização do nosso Petróleo, a Campanha pela melhoria do Ensino, a Campanha contra os disvirtuadores da Carreira Médica.

Assim vamos marhando, a cada momento reafirmando nossa profissão de fé. No entanto é necessário que as vitórias conquistadas, com o brilho que trazem, não ofusquem idéias que lançadas há tempos não foram ainda realizadas. Algumas há que exigiriam o trabalho de quase super-homens. Dentre elas incluímos a Casa de Oswaldo Cruz.

Sabemos que sua realização não é obra para uma geração. Sabemos

dos ligamentos útero-sacros (1940) e vários estudos sobre a morfologia nuclear dos megacariócitos e plasmócitos (1941-42-43). Mast células intrepiteliais (1946), etc.

Livros: **Embriologia Humana e Comparada** (em colaboração com o prof. C. Lordy e o Dr. J. Th. de Aquino) 1.ª ed. 1940; 2.ª ed. 1948. **Citologia do sedimento biliar** (em colaboração com o Dr. Paulo Carvalhaes) a sair, Edigráfica, 1948.

Obras em preparo: (várias) a mais importante é monografia girando em

que essa aspiração se coloca no futuro. No entanto, sob pena de traíremos a nós mesmos, não podemos abandonar a luta, não podemos deixar que o animo se esmoreça. Não importa que ela não seja para nossos dias pois, assim como no Esporte, na luta diária o que importa é saber competir e não a vitória.

Embora difícil não é impossível e nós temos que, a cada momento, trabalhar para que a vida, não importa o ano, junto à Faculdade de Medicina, em busca dos céus, como se buscasse o infinito, se levante o sonho de todos os Estudantes de Medicina — a Casa de Oswaldo Cruz.

Colegas, estamos saindo de um todos nós um esforço hercúleo de mundo agonizante. É necessário de coragem para que enfrentemos a gravidade da hora que passa e alcancemos, com a consciência tranquila, o mundo novo que nascerá. É necessário que nasçamos para esse novo mundo marcados indelevelmente por princípios sãos.

O caos do momento não permite o descortinar do horizonte mas "c'est la nuit qu'il est beau de croire à la lumière". E nós temos de acreditar que um mundo melhor há de vir. Por ele lutaremos até a última gota de sangue e, no dia em que todos os homens forem um só, quando o bem for a trilha comum, teremos um cor unum et anima una teremos um novo mundo.

Lutemos por esse ideal congratando-nos. Reunamo-nos sob a bandeira de nosso Centro Acadêmico, e estruturamos a União Estadual dos Estudantes e com esta batalhemos pela nossa classe, pelo nosso povo, pelo Brasil.

Assim fazendo estaremos sendo fieis aos princípios que nos trouxeram à luta, aos princípios que herdamos dos fundadores do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz.

WALTER BELDA
14-9-1948.

torno das Relações materno-fetais e post-natais e suas consequências histofisiológicas.

Outras atividades: Redator brasileiro de Blood — Journal of hematology (U.S.A.) e de "Acta Anatomica" (Arquivos internacionais de Histologia e Embriologia). Colaborador de vários periódicos científicos nacionais e estrangeiros. Idem, na imprensa local e do Rio. Colaborador das "Folhas". Escreveu em periódicos leigos sobre assuntos culturais gerais, educacionais, sobre música,

(Conclui na 6.ª página)

Frequência Livre

Há pouco, reuniram-se os alunos da Faculdade, a fim de pleitearem a frequência livre ás aulas teóricas; em seguida, os srs. professores, para decidirem quanto á sua viabilidade. Por fim, tudo foi aprovado. No entanto, a atitude dos mestres para com seus discípulos foi a paternal, mas a de uma paternidade primitiva: cada favor custa um sacrifício; ou, como diria Niestch — "se seu amigo necessitar de leite e pão, que este seja duro e aquê de tábuas".

Talvez o que os alunos desejavam não foi bem compreendido, pois adotou-se para com eles de uma atitude quase que de franca represália. Houve, mesmo, um mestre bem experimentado, lembrando "que os alunos quizeram um presente de grego". Nós, acadêmicos da Faculdade, somos perfeitos conhecedores da necessidade de um estudo teórico sistematizado para a perfeita formação universitária. Mas, meus senhores, ninguém pediu que se suprimissem as aulas teóricas; o que se exigiu, de maneira indireta, foi que o ensino se ministrasse de maneira proveitosa, isto é, que a assistência mais numerosa servisse de estímulo aos didáticos mais capazes. Por outro lado, o acadêmico, como maior de idade, reservista, eleitor, com todos os direitos e fóros de cidadão de um país democrático, julgou que era de direito assistir ou não ás aulas que, como intelectualmente selecionado por esses mesmos professores, acreditasse úteis á sua carreira.

Repetimos, mesmo, com Bertrand Russel, que "ninguém pode servir para educar se não sentir que cada aluno tem uma finalidade própria, com seus direitos próprios e com sua personalidade, não sendo absolutamente uma peça vulgar duma charada, ou um soldado dum regimento, ou um cidadão dum Estado".

Um professor poderá obrigar os alunos a assistirem ás aulas, mas não a prestarem atenção ás mesmas; isso é claro como o sol. Não sabemos que mêdos o setentrião de negras asas da frequência livre trouxe ao instinto de dar aulas dos srs. professores.

Talvez, também, andaram com grandes receios de que a Cultura, (com c maiúsculo) de nossa Escola se esfacelasse.

A verdade é que reagiram, não sei quantos dêles, suprimindo as aulas teóricas, instituindo o sistema das aulas teórico-práticas, quando muitos dêles, por notícia de um dos membros da congregação, não sabem qual o conceito que devem fazer de aula prática e aula teórica. Alguns acham, como certo assistente de certa Faculdade do Brasil, que dar uma aula, com um donete qualquer á vista dos alunos, ainda que nada tenha a ver com o assunto, é aula teórico-prática, ou que as aulas dadas com os alunos em pé, ao redor de um leito de enfermária, mesmo sem tocar no paciente, é aula prática.

E' preciso querer não enxergar ou escotomizar, como se poderia dizer, que aula prática é aquela em que o aluno toma parte ativa. Entender de outra maneira é o mesmo que considerar os espectadores de um jogo de futebol como esportistas. Há professores que raciocinam da seguinte maneira: se os alunos têm direitos, nós também temos; assim, eles poderão exigir o direito de assistirem aulas se quizerem e nós também temos o direito de dar aulas se quizermos. Mas, srs. professores, o direito que lhes assiste está ligado á ocasião dos exames, exigindo do aluno um preparo mínimo indispensável para ser promovido de série, não importa porque maneira esse preparo foi adquirido. Se os alunos fossem completamente avessos ás exposições teóricas, não organizariam cursos de férias para determinadas disciplinas, aliás com boa concorrência e bom aproveitamento. O que se faz necessário não são essas exigências de ordem burocrática, mas que o professor saiba crear em torno de si num núcleo estimulante de ensino, estudos e trabalhos sistematizados. Que ele seja capaz, por sua capacidade, sabedoria, sobriedade, e senso de coletividade de se tornar como que um círculo mandálico de energia e progresso. E' necessário insistir que a finalidade precípua do professor não é dar, em síntese, o que existe de mais moderno na bibliografia científica de determinado assunto, mas guiar e esclarecer o noviço no que existir de mais difícil em seu aprendizado. E' necessário que exista mútuo entendimento.

Voltando a Russel diremos: "o esforço é natural quer no homem, quer nos animais, mas tem que ser um esforço para o qual haja estímulo instintivo — é um equívoco supor que o esforço mental possa rara vez ser um prazer; o mais certo é que faltam certas condições para que o seja e só últimamente se tratou de introduzir tais condições na educação".

Faremos um apêlo, por outro lado, aos colegas que se habituaram a querer antever se determinado docente dará ou não aulas aproveitáveis, adotando uma atitude de negativismo. E' necessário assistir a algumas aulas, pelo menos, para se aquilatar do possível grau de aproveitamento. E' necessário, mútua compreensão. Terminamos, assim, com a filosofia céptica de Russel — "depois do mínimo essencial, as tendências deviam ser consultadas e se haveria de ensinar apenas o que o aluno achasse interessante. Isto supõe um esforço dos professores; ora! Esta dificuldade, todavia, seria aplaniada, reduzindo as horas de trabalho dos mestres e lhes ensinando pedagogia, coisa que se faz atualmente com os mestres de escolas primárias, mas não com os das secundárias e universidades".

ADHEMAR FIORILLO

Porque não existe a U.E.S.P.?

Por VICTOR NUSSENZWEIG

Ainda está na lembrança de todos nós os acontecimentos que prederam aquela assembléa extraordinária do C. A. O. C. em que ficou resolvido que dariamos o nosso apoio integral a Campanha de Defesa do Petróleo. O ambiente carregado, tenso que sentimos, só se explicava pela campanha de boatos e futricas, inofensivas no início, mas que pouco depois como uma enxurrada a qual prasentosamente cada um acrescentou o seu quinhão, invadia todos os ânimos, infiltrava-se por toda parte, a tudo e a todos contaminando.

Algumas pessoas irresponsáveis nã oconseguindo compreender e se compenetrar de que a questão do petróleo situa-se acima de candidaturas A ou B, acima de presidentes fulano ou beltrano, pois se trata dos interesses soberanos do povo brasileiro, queriam a todo custo o de um modo demagógico como demonstrarei no decorrer deste artigo iniciar uma campanha de desmoralização da atual diretoria do C.A.O.C.

O fato inicial que serviu de base para o começo da futrica, que já é uma tradição entre os alunos da Faculdade de Medicina e que tinha como unico objetivo o desprestígio do presidente do C.A.O.C. foi em sua essencia o dêle, numa reunião do C. E.S.P., que congrega os presidentes dos Centros Acadêmicos de escolas superiores de São Paulo, ter assinado um manifesto, sem consultar préviamente a assembléa dos alunos da escola. Entretanto, e isso não viam ou não queriam ver os que estavam a testa desse pernicioso "complot", o errado na questão não era o sr. Alvaro da Cunha Bastos ter ou não assinado o manifesto do C.E.S.P. e sim o fato dele ter plenos poderes para isso; o errado da história, e essa a razão de ser de nosso artigo, é a propria existência da

C.E.S.P.. Pois não podemos presidentes de Centros deliberar, resolver qualquer assunto, como aliás o fazem há muitos anos, em nome de todos os estudantes de São Paulo, sem que ninguém lhe tenha delegado para isso? E terá algum dos meus colegas conhecimento do que se delibera nas reuniões do C.E.S.P.? Existe u morgão universitario que nos informa a esse respeito? Já teria u mpresidente de qualquer Centro Acadêmico prestado contas do que lá se discutiu e aprovou em nosso nome?

E para maior vergonha nossa é São Paulo o unico Estado em que se permite ainda semelhante irregularidade. Tanto em Minas Gerais como em Pernambuco, na Baía, no Paraná, no Ceará e no Rio de Janeiro, o órgão representativo da vontade dos universitários é a respectiva União Estadual dos Estudantes, cuja diretoria eleita anualmente tem por função defender os interesses da classe, promover a maior aproximação entre os acadêmicos das diversas escolas, organizar competições esportivas e realizar reuniões de carater científico, artistico e literário.

Se ainda não conseguimos uma "Casa do Estudante" e um refeitório como o existente no Rio de Janeiro, onde os nossos côlegas cariocas almoçam e jantam razoavelmente bem pela quantia de Cr\$ 2,00, se ainda não existe em São Paulo, uma revista universitária que leve nossa voz e nossos pensamentos a todos os pontos do país, tenho a convicção de que batalhando conscientemente por uma União dos Estudantes de São Paulo e pela desapareição da C.E.S.P., daremos um grande passo no sentido da resolução dos nossos problemas mais prementes, fortalecendo ao mesmo tempo os laços que devem ligar os estudantes de todas as escolas superiores do Estado.

Noturno em fá

Silêncio!
A noite vai cantar.
Vai cantar para os coarções enamorados.

Passo...
Fica empós meus passos um compasso de marcha fúnebre.

Silêncio!
A noite vai cantar.

E' tarde. Adormeço.
A noite ia cantar para os corações enamorados...

REMO RUIZ TELLINI

Para Secretario Geral

do

Departamento Científico

Abrão Anghinah

Nós e a escolinha . . .

(Para as meninas lerem na cama)
Carta aberta ao acadêmico

Walter Belda.

Caro colega,

Bem que eu desejaria ver a cara do Dr. K. K., ao lêr o seu interessante artigo no último número de "O Bisturi", intitulado Respingos. O famigerado defensor "per gratia et amiitia" das meninas da Escola de Enfermagem, deve ter ficado bem triste com tão triste revelação, em se considerando principalmente como tendo partido do Diretor do jornal que é o órgão oficial do C. A. O. C., portanto coisa muito seria, com a qual não se brinca. O episódio que V. narra nos seus RESPINGOS, vem abrir os olhos daqueles que não querem ver as hostilizações constantes, á que nos submetem as garotas, e agora, as mestras da escolinha. É triste, bem triste mesmo, o que se passou, caro colega. E tudo isto faz-me lembrar muito á contra gosto, a lamentavel occurencia por nós todos vivida e sentida quando da inauguração do famigerado Palacio da Enfermeira. Naquele dia a aberração arquitetônica da Av. Ademar de Barros, que tanto destoa do magestoso bloco que o circunda, se engalanára. O lufa-lufa era tremendo. Meninas alvoroçadas num entra e sae atropelante. Serventes do H.C. numa baldeação azafamada de cadeiras, doces, moveis, e nem sei mais o que. Era . . ., como V. já deve ter percebido, a inauguração solene do Palacio. Veio gente importante nesse dia. Houve discursos, enfim, charopadas amargas ao ouvido, e doces agradaveis ao estomago. Pois bem, talvez V. não saiba, que

os estudantes da escolona, sim, os ilustres universitarios que frequentam a Faculdade do Araçá e trabalham nas enfermarias do H. C. onde as meninas escrevem nos livrões, á estes mesmos estudantes, meu amigo, não foi permitido assistir á festa. É lamentavel. A escola de enfermagem é um órgão da Universidade, e como tal, em hipotese alguma poderia nos ser barrada a entrada no seu recinto nesse dia. Em todos os Institutos da Universidade que temos visitado, temos sempre sido recebidos com a maxima cortezia e distinção, pois que membros da Universidade. Agora vejo o quanto feliz foi o engenheiro que construiu o Palacio, dando-lhe aquela grotesca configuração naval, em linhas atômicas em dissonancia com os magnificos predios que a rodeiam: dir-se-ia, que seu construtor já previra, ou melhor, prescutára a orientação editanea de guerra aos principios de boa amizade e melhor coleguismo dos demais institutos da Universidade. Por hoje é só, caro W. B., e aqui fica um forte abraço, enquanto certamente nos elevadores e corredores do H. C. continuarei a ser vaiado pelas nobres colegas da Universidade de São Paulo.

O amigo certo:

VÃO BOBO

NOTA DA REDAÇÃO: Não conseguimos encontrar o artigo "Respingos" atribuido ao nosso colega diretor.

ESPECIALISTA EM LIVROS
DE MEDICINA
Assinaturas Revistas

Livraria Médica

HOSPITAL DAS CLINICAS

Avenida Rebouças, 476

4.º Andar

Fone 8-2161 R. 20

São Paulo

Eleições para 1949

Departamento Científico

Para Presidente

José Leite Fernandes

Para Secretário Geral

Augusto José Esquibel

Para Secretário

Roberto de Almeida Moura

Formatura de 1948

Em Dezembro proximo serão realizadas as solenidades de laureação dos Doutorandos de 1948. A comissão de festas, presidida pelo Ddo. Omir Dias de Moraes, e da qual fazem parte os Doutorandos Nelson Augusto Pedral Sampaio, Marco Elizabethky, Massagochi Goto, Sharife Kurban, e Americo dos Santos, tudo tem feito para dar maior brilho ás festas deste ano. Feliz foi a escolha por eleição do Paraninfo que recaiu na pessoa do Professor Alipio Correa Neto por grande maioria.

O Professor Alipio Correa Neto, é uma das mais brilhantes personalidades do corpo da nossa Faculdade. Natural de Cataguazes (Est. de Minas Gerais), formou-se pela Faculdade de Medicina de São Paulo em 1923. Quando estudante fez parte da diretoria do CAOC na presidência de Felício Cintra do Prado. Tomou parte como Cirurgião na epopeia de 32. Em 35, após brilhante concurso de títulos e de provas, conquistou a cadeira de Clínica Cirúrgica, sucedendo a A. C. Camargo. De sua atuação como Professor, ressalta o feito democrático que imprimiu no ensino de sua Cadeira, de ampla colaboração entre todos, Professor, médicos e estudantes. Seus trabalhos científicos primam pela originalidade e entre eles destacam-se:

- 1.º Tratamento Cirúrgico do Mega-Cólon pela ressecção dos esfínteres funcionais do intestino grosso.
- 2.º Metaesafago.
- 3.º Propedeutica do Abdomem (em colaboração com Jairo Ramos).
- 4.º Tratamento da Procidencia Retal por ressecção do esfínter pelviretal.
- 5.º Acalásia do Cardia.
- 6.º Úlcera Gástrica.
- 7.º Úlcera jejunal post-operatoria.
- 8.º Tratamento cirúrgico do hipertireoidismo.
- 9.º Cirurgia de Guerra (1932).

Professor de Clínica cirúrgica da Escola Paulista de Medicina, foi Presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia.

Major médico da F.E.B., tomou parte na guerra, na frente italiana, onde serviu no 38th. Evac. Hosp., no 16th. Evac. Hosp., no 32nd Field Hospital e no 15 th. Evac. Hosp., aos quais sempre serviu com dedicação e grande capacidade, merecendo os maiores elogios, entre os quais destacamos:

"... seu trabalho naquele setor é dos que merece os melhores aplausos pela maneira criteriosa, inteligente, honesta e patriótica por que orienta o serviço impondo á nossa equipe uma situação de equilíbrio com os demais elementos do Hospital e formando um conjunto coeso, eficiente e devotado inteiramente á nobilitante missão que lhe está afeta".

(a) General MASCARENHAS DE MORAES — Comandante da F. E. B.

"Chefe da equipe durante muito tempo, chefiou a S.H.B. anexa ao 32nd Field Hospital, profissional de capacidade técnica reconhecida, emérito cirurgião, facilmente se impôs e conquistou lugar de destaque entre os profissionais médicos americanos, enaltecendo e elevando assim a medicina brasileira; numerosas vidas, de brasileiros foram salvas pela sua habilidade de técnico, e nesta S.H.B. chefiou com brilhantismo e competência um grupo de equipes. Leal, dedicado, culto, de estima dos seus chefes e subordinados. Com perfeita compreensão dos seus deveres, trabalhou intensamente, operando horas a fio, procurando orientar seus auxiliares de grupos de equipes com boa vontade, técnica modelar, dedicação ao serviço. Louvo-o pelas qualidades acima, agradecendo os relevantes serviços prestados não só a S.H.B. como ao Brasil e com o mais escrupuloso ato de justiça é que faço as referências acima bem merecedoras e reconhecidas por todos que tiveram ensejo de conviver com tão distinto oficial".

(a) Major Médico Dr. ARI DUARTE NUNES — Chefe da S. H. B.

A atuação do Professor Alipio Corrêa Neto, no movimento que congrega todos os médicos do Estado, tem sido destacada, tendo presidido á todas as reuniões, sendo ainda presidente da Assembléia Permanente. Convocou juntamente com Jairo Ramos a Convenção dos Médicos, á qual presidiu por aclamação, e na qual foi relator de importante tése. Salientamos esta atuação do ilustre Professor, por ser ele o unico Professor da Faculdade que vem á publico em defesa dos interesses da coletividade médica, tão esquecido-Paraninfará ainda o Prof. Alipio a da e tão injustamente desmerecida. turma deste ano da Escola Paulista de Medicina.

Serão homenageados os seguintes Professores, Docentes e Assistentes: A. C. Pacheco e Silva, Adherbal Tolosa, Carmo Lordy, Eurico da Silva Bastos, Flaminio Favero, Raul Carlos Briquet, Samuel Pessôa, Edmundo Vasconcelos, Ludgero da Cunha Mota, Carlos da Silva Lacaz, Floriano de Almeida, Silvio de Barros, Bernardino Tranchesi, José Fernandes Pontes, José Ramos Júnior, Charles E. Colbert, Luiz Venete Décourt, e José Onofre de Araújo. Receberá ainda homenagem póstuma o inesquecível Dr. José Oria, uma das glórias da Faculdade de Medicina de São Paulo.

Fazem parte da turma de 1948 os seguintes Doutorandos:

Acacio Leite do Canto; Adolfo José Marcondes Coelho de Souza; Adolfo Souza Filho; Alvaro da Rocha Macedo; Americo dos Santos; Antonio Carlos Pacheco e Silva Fi-

lho; Antonio Mikisian; Aurelio Caetano da Silva Junior; Breno lulo Ribeiro; Carlos da Costa Branco; Cléo Vera da Penha Galvão Santana; Coriolano Pompeu Eliezer; Deolinda Mota Cortez; Dirce Costa; Domingos Labate; Emilio Terreri; Erico Mandacarú Guerra; Ernesto Passos, Júnior; Fausto Elias Brussarocco; Fauze Calil Adde; Fernando Braguim; Francisco Ubiratan Barreto Dellape; Guilherme Mattar; Guilherme Moreira Leite; Henrique Grechi; Hernani Lotufo; Horacio Sandry Rocha; Israel Nussenzveig, João Simões Pontes; Joaquim Lourenço; Jorge Demetrio Haick; José Luiz França Pinto; José Meira Cardoso; José Polizini; José Roberto Velloso de Andrade; José Viana Bitar; José Vicente Martins Campos; Kamal Yazbeck; Leonel Pontim; Luiz Camargo Fonseca e Silva; Luiz de Almeida Sampaio Filho; Luiz Fortunato Bellino; Luiz Gastão Costa Carvalho do Serro Azul; Marco Elizabethky; Marcos Fabio Lion; Massagochi Goto; Mauro Saraiva Solferini; Milton Aldred; Moacir Bohn Nobre; Nelson Augusto Pedral Sampaio; Nelson Giminez; Nilo Foschi; Nestor Angelo Sampaio; Omir Dias de Moraes; Orlan-Russo; Roberto Villela Lemos Monteiro; Romeu Fontana; Romulo Brasil; Ruth Amaral Molari Piccardi; Santos Pedro Tanganeli; Silvio Laroca de Paiva; Silvio Oliva Feitosa; Sussumu Noguchi; Scharife Kurban; Silvio Correa da Silva; Silvio Laurindo; Ubajara Creban Pereira Correa; Walter Bloise; Walton Carneiro. do Góes de Moraes; Oscar Luiz Ribeiro Gurjão Cotrim; Osias Isidoro dos Santos Filho; Osvaldo Montesanti; Osvaldo Paulo Foratini; Osvaldo Pinto Mariano; Plinio Buhler Vieira; Pliirts Nebó; Rafael Lichtenstein; Remo Ruiz Tellini; Renato Figueiredo Mendes; René de Lima Yazaki; Reynaldo Pascoal

A coisa é fantasmagórica,
Mas queria ver o "faquir",
Uma gúlzinha teórica
De Técnica assistir,
Em certo anfiteatro, e ir
Se exibir, com me tos retórica.

* * *

A dúzia de ovos está custando 7 cruzeiros, má; no Bar do Odorico cada ovo frito custa 2 cruzeiros e cinquentá centavos.

Creio ser ovo de galinha,
Mas para ser explo:ado,
Deste modo em toda linha,
Desconfio ser encontrado,
Em vez de gena: "estrelinha".

* * *

Murilo R. Viotti, encontrou dia 13 de Setembro, no jantar no Refeitório do H. C., uma minhoca duns 10 cms. de comprimento na salada.

De repente, estupefato,
O ha, fazendo careta,
O Minei o, para o preto;
Parece ser mesmo peta,
Mas na salada, de fato,
Remexia um ol góqueta.

Até que enfim, com surpresa,
O Mineiro foi premiado;
Com toda sua esperteza,
Poréc., tora ludibriado,
Porque não foi dá da mesa
Do padre, que saiu o legado.

* *

De 1.º de Janeiro a 31 de Dezembro, sobremesa oficial das Refeições no H. C. é a laranja.

No almoço, cu no jantar,
Não se tem mesmo surpresa,
Lá está "para variar",
Laranja de sobremesa.

No domingo, ou no ter ado,
Seja ou não semana inglesa,
Haja ou não prato variado:
Laranja de sobremesa.

No primeiro de Janeiro
Começa tenho certeza
Durante um a-o inteiro:
Laranja de sobremesa.

Mas um fato eu não discuto,
Ninguém, caríssima gente
E isto é muito evidente,
Ficará com escorbuto.

Paródia da Visita à Casa Paterna, de Luiz Guimarães Junior.

VISITA A FISILOGIA

Como sapo que volta um dia á lagoa,
Onde bons tempos idos residia,
Também quiz te rever, Fisiologia,
Departamento só de gente "boa".

Entre. Uma voz lúgubre ressoa...
O fantasma, talvez, da saparia
Tomou-me as mãos, olhou-me com magia,
Um calafrio de chofre me atordoá.

Era esta a sala. Oh! se me lembro e quanto!
Onde os colegas e eu, muitos instantes,
Denotamos em transe, agonzantes.

Jorrou-me em ondas o pranto. Num canto
Algo jazia na semi-claridade,
Comovido, chorei então de saudade.

VILLELA

DISECANDO EM RIMAS

Sylk, "o faquir brasileiro", submette-se a dura prova; vinte dias em jejum e deitado sob pregos (dos jornais).

Mas vejam só que façanha
A do "faquir brasileiro",
Até parece artimanha
Proeza deste modo tamanha
Cheira mesmo a feiticeiro.

Uns vinte dias de jejum,
E sobre pregos deitado,
E' fato nada comum;
Só mesmo alguém "aluado",
E de bom senso nenhum,
Juizo fora do teclado.

A MORTE

O. F. M.

Quantas vezes, dentro da noite,
Regeulhado no silencio profundo do meu eu,
Recebo uma estranha visita.
E' a visita de quem fareja a presa,
Ávida de consumir um desejo.
E não resisto ao seu cortejo.
A sua força esmagadora é tanta,
Que foi quasi a quebrar os élos
Desta fôscia e sórdida cadeia
Que se chama vida.
Oh! Morte, porque nos teus arroubos
De destruição não consumes o teu desejo?
Não vês que me farias menos mal
Se a tua vontade fôsse feita?
Castiga-me; Repara as contrações
Desta volupia estranha.
São os efeitos da tua magia misteriosa,
Procura o livro negro de minha vida.
Folheia-o, e verás, quanto estolcismo
Se acha espalhado nas suas páginas.
Quando viéres um dia, com o teu manto de tréva
A envolver-me nessa réstea fôscia de luz,
Que é a minha existência,
Saberei partir contrito da vida,
Para os mistérios sombrios do túmulo,
Levando apenas, no rictus dos lábios,
O meu sorriso de sarcásmo.

BADALOS

(Com permissão póstuma de Castelo Branco o autor dedica á Panela do Brais)

Badalos, oitenta e um ou talvez mais
Eu já contei. Curiosidades que eu sentia,
Supús que na Escóla não havia
Mais numerosos badalos que esses tais!

Badalos, oitenta e um, tão serviçais,
Tão zelosos das leis da cortezia,
Que "muita veis" o Cunha Mota escapulia
As suas curvaturas vertebraes.

Um dia, o Mota ao Paraninfado
Candidatou-se. De oitenta e um houve de fato
Vinte e seis que não desfizeram os laços quasi rotos.

Para que vamos (diziam) o eleger?
Si no exame já não nos póde proteger!...
Que cincoenta e cinco impávidos marotos.

VÃO BOBO

VOTE NA CHAPA

Osmir Strasburg

Para um novo CAOC



Presidente	Osmir Strasburg
Vice	Roberto Brólio (Apoiado)
1º-Secretario	Motaury Moreira Porto
2º-Secretario	Rubens dos Santos Alves
1º-Tesoureiro	Chafi Savaia
2º-Tesoureiro	Aldo Fazzi
1º-Orador	Walter Belda (Apoiado)
2º-Orador	Agostinho Bettarello

(Conclusão da 1.ª pag.)

crítica, biografias, higiene, saúde pública e outros problemas assistenciais. Redator musical da Odeon-Columbia (Rio-S. Paulo. Organizou a escola hematológica de São Paulo (Faculdade e Hospital das Clínicas, etc.) Centenas de aulas, palestras, comunicações, demonstrações especialidades nos cursos oficiais, extras, de extensão, de docência, etc. Partidário do trabalho técnico-científico de Laboratório com orientação elevada, sem personalismo, tendo em mira o espírito de equipe.

Infância simples: estamos em São Paulo pacato nos anos que precedem 1914. Recordações afáveis: minha mãe, as professoras dos Grupo e o saudoso educador Prontino Guimarães. A Rua com seus brinquedos, brigas, futebol nas vidraças e o temível secreta. Adolescência precoce e inquietude: é a primeira geração do post bellum no século: inaceitação dos princípios que pretendem uniformizar o espírito dos moços. Revolta contra hábitos e mitos após aceitação por tradição e hábito. Antes dos 20 anos, assiste com atraso as primeiras transformações de livre manifestação de espírito, do meio cultural e social. Sente-se bem e procura qualquer coisa nessa liberdade mas seu espírito é reservado e se retrai: brota-lhe o instinto de diferenciação dos verdadeiros valores. Surge o conceito da falsa cultura e procura separar o joio do trigo. Antecipa-se nas tendências de pensamento a toda sua geração e que é motivo difícil para viver dentro dela. Arrisca uma aventura: a imprensa. Aos 17 anos trabalha no efêmero semanário "Miscelânea" de Manoel Aranha. Nessa ocasião procura Belmonte que estrea e mtrabalho sistematizado para uma revista local. Deixa de ser redator principal (!) para estudar medicina. Em 1923 (Rio em estado de sítio permanente) pode valorizar de vez o significado da palavra "liberdade" Curso médico, inicialmente descontrolado. Depois (1925) aparece a projeção incomensurável de Alfonso Bovero sobre quem por várias vezes falou nas "Folhas", a proposito de sua grandiosa influência. Como o foi para muitos, também para ele foi Bovero modelo de trabalho. Outros homens ainda apontaram-lhe os bons caminhos e pode assim orientar-se para a divulgação das disciplinas didáticas, que lhe competiam. Mais ou menos só porém, aspirou a atmosfera cultural e artística amparando mais ou outros do que sendo amparado. Para isso aprecia viver em contacto com a mocidade absorvente á qual tem dado o melhor de suas forças de orientação. Apesar de tropeçar diante dos obstáculos que bruscamente e, por vezes, de modo temível, se lhe antepõem ao lado dos bons amigos que prestigiam, procura fazer alguma coisa pelas causas que dignificam a existência.

Seu lema: Tenho o que dei.

* * *

Atleta do CAOC!. Com uma vitória na prova de sua especialidade você estará contribuindo para que o grêmio alvi-verde triunfe na XIV. Mac-Med!

* * *

A Mac-Med é uma competição de alto significado esportivo e social. Grande responsabilidade, portanto, recae sobre os esportistas e admiradores do CAOC.

AOS COLEGAS E MESTRES

Existe a possibilidade de nesta casa, emprênderem-se grandes melhoramentos em prol da coletividade em geral e mesmo em relação ás nossas próprias necessidades.

Porém é necessário reconhecer-se, e eu o faço como critica construtiva, que a maioria daqueles que ocuparam posições de comando em nossos diversos centros de atividades, não fizeram mais que, além de uma rotina exasperante, procurarem relações próprias de seus unico e exclusivo interesse. Eu disse rotina exasperante porque se analisarmos bem os acontecimentos, veremos que tudo ou quasi, que hoje existe é criação de uma velha escola.

Nada se modificou, nada se ampliou, pelo contrario, muito, deixou de existir.

Há uma necessidade imperiosa, nesta Faculdade, de se estimular o interesse dos próprios alunos, fazendo com que sejam procuradas soluções após discussão ampla e livre, de tal modo que as questões de qualquer ordem, não sejam solucionadas por uma pequena minoria, a do centro, que a maioria das vezes

não chega a ter a inspiração e a força necessarias ás soluções completas.

Se se conseguisse nesta Faculdade fazer com que todos alunos e professores, se congregassem, para procurar solucionar em conjunto, os problemas que se nos deparam, com o mesmo espirito cavalheiresco, comedido, frio, orgulhoso, apaixonado, com que enfrentamos nossos adversários em lides desportivas, então eu poderia afirmar que de uma vez por todas seriam resolvidos problemas de magna importancia, como a Tuberculose e inumeros outros.

O meio que eu idealiso para uma mesa redonda, semanal ou quinzenal na qual tomariam parte alunos e professores, em vez de na qual e e professores, em voz de completa igualdade, sem temores de notas ou reprovações.

Podendo parecer incrível, é porém verdade, e em um meio como o nosso, que persista ainda nesta Faculdade, e desgraçadamente, aquele espirito de notas dado á badalagem, e de receio por parte de mul-

tos alunos perante os professores. Contra este estado de cousas deveriamos nós batalhar, ensinando a muitos colegas o que é ser livre, e aos professores "susceptíveis", o que é ser um verdadeiro mestre.

A ideia principal é portanto congrega alunos e mestres, de um modo, respeitoso porem amigo, em busca da verdade, da solução melhor possivel aos inumeros problemas que nos afligem, aliando á experiencia, o nosso espirito idealista, combativo e essencialmente humanista.

E' necessário iniciarmos um movimento de verdadeira COOPERAÇÃO, entre homens livres e soberanos, entre individualidades que não temem a nada e a ninguém, porque estamos certos de que o Homem é mais que a simples materia viva, é mais que tudo uma inspiração, um desejo fremente de elevação.

E' necessário que Cooperemos, para que possam sobreviver os sagrados ideias de nossos mestres, para que possamos construir algo melhor e mais verdadeiro e possa ser afugentada a miseria o desespero, a morte.

ROMEU CIACIARULO

E o Show continua...

Já uma vez por estas mesmas colunas tecemos comentarios sobre o indiscutível valor artistico desses elementos que compoem o Departamento Social. No entanto, após ver os progressos alcançados, necessário se torna voltar ao assunto.

De fato, aos que presenciaram o espetáculo dado por "Show Medicina 1948", não seria possível outra atitude senão o transformar em palmas o entusiasmo, a admiração pelo trabalho realizado.

Dirêmos mais, dentre as grandes realizações do Centro Acadêmico nada mais fazendo que justiça, o "Osvaldo Cruz" podemos colocar, Show oferecido á sociedade paulista.

Que estas palavras sirvam de estímulo áqueles que souberam dar uma parcela de sua boa-vontade para trazer um pouco de alegria á nossa Faculdade.

Não diremos que o Show foi perfeito. Sabemos que houve senões. No entanto estes desapareceram frente ao entusiasmo dos que venceram tantas dificuldades, tantos obstáculos.

Necessário se torna, principalmente agora que muitos elementos deixam a Faculdade, que os novos procurem e apoiem o Departamento Social. Cremos que a diretriz de Salvador Gromberg não será outra: Atrair novos elementos para que o sucesso deste ano seja repetido.

Como palida homenagem queremos citar, confiando apenas em nossa memoria, os nomes de Reinaldo Russo, Nebó, Salvador, Belmiro, Mariano, Labate, Bloise, Peixinho, Russo, Elisabethsky, Callia, Isern, Waldemar, Lobo, Tobar, Pareja, Usdzer, Chusid, Bernardo Leo, Mario Viana, Carril, Feher, Abrão, Raimo, Glécio, Grecchi, Amato, Samuel, Carlos Viana e o Vignola que esteve em espirito entre seus companheiros.

Colegas o Show precisa de nosso apoio, não basta o nosso aplauso é preciso também o nosso trabalho. Somente assim Show Medicina continuará a ser o melhor Show Universitario do Brasil.

Verdade e Fé

Prometeu e Jesus, a liberdade e a [crença
Unidos num abraço, estreito e fra- [ternal
Farão da natureza uma harmonia [imensa
Farão do velho Deus um Deus uni- [versal
(Guerra Junqueiro, A morte de D. João)

A' MATINAS SUZUKI

No artigo em que o prezado amigo traça o elogio de Isaias Raw, a figura que honra nossa escola com sua nova teoria sobre a fisiopatologia do diabetes, começa por fazer uma citação de Nitzche em que esse genial filósofo e poeta resume um estado de espirito muito comum em nossos dias, mas que penso não corresponder á verdade dos fatos: é uma opposição que faz este autor entre a tranquilidade da fé (sem méritos) e a angustiada busca da verdade (e por isso merecedora de tôdas as palmas).

Na verdade essa opposição não existe, e tanto pode ter méritos quem acredita como não os ter quem, loucamente duvida da própria existência.

A fé é um dos processos de conhecer a verdade e um dos mais usados na vida corrente; veja, por exemplo, o maravilhoso ato de fé que é o simples tomar uma chicara de café: você acredita, sem exame quimico-bromatologico prévio, que o café não contem veneno; acredita, sem exame psiquiatrico prévio, que a pessoa que o preparou não é paranoica ou potencialmente criminosa para o colocar no momento de coálo; acredita na eficiência do serviço de águas, admitindo que ela é suficientemente pura; enfim, acredita que os inumeros encarregados dos diversos fatores que realizarão aquela simples chicara de café foram honestos e bem intencionados, e confiando no aspecto agradável de quem lhe serve preocupa-se unicamente em saborear a deliciosa rubiácea e de sentir-lhe o efeito estimulante sobre a cortiça cerebral.

Os mesmos atos de fé são repetidos quando você estuda um assunto: não lhe passa pela cabeça a pretensão de investigar tudo sózinho,

de verificar tudo pessoalmente: você abre o livro e acredita na honestidade do autor, com maior ou menor intensidade, de acôrdo com as evidências que êle demonstra ter visto; não lhe passará pela cabeça que uma autoridade legítima vá enganá-lo sobre as evidências que encontrou o cujo encontro lhe foi anunciado.

E' por isso de suma importância pesquisar a legitimidade da autoridade, mas, uma vez reconhecida, não é possível duvidar daquilo que ela declara estabelecido.

Pode o cégo pôr dúvidas de que o Sol está no céu, alumando a Terra? Pode, no entanto, penetrando com espirito reto nos campos da astronomia, descobrir que fatos tão evidentes como este já estavam descobertos e que, no entanto, seu conhecimento não está ainda reconhecido por nós; e pode, reconhecendo estes fatos e aceitando-os criar uma nova concepção sobre a maneira pela qual o sol alumia a terra que revolucione tudo que admitido até então (admitido e não provado).

E nem por isso haverá opposição entre o seu ato de fé, reconhecendo verdadeiro o que autoridades legítimas lhe transmitiram, e o seu ato racional, estabelecendo conclusões sobre aquilo que ainda estava envolto nos véus da ignorância.

Há, isso sim, harmonia cheia de beleza e de aânor, como a soube cantar tão bem Guerra Junqueiro, sem dúvida o maior poeta da nossa língua entre os modernos:

"Existe um iman — Deus — oculto no infinito.

Obedece-lhe sempre invariavelmente.

"Torna-te um pensador; e mais ainda, um crênte

Tem dois pólos a alma, a crença e a

[razão

A crença é o luar da nossa intuição

Onde a razão acaba, a crença principia

[cípia

Ser alegre é ser forte — nutre-te de

[alegria"

A pretensa opposição entre aquilo que fé e razão nos mostram nasce principalmente do orgulho da razão ou do fanatismo da crença, orgulho

A família de

Dagoberto de Carvalho Fernandes

agradece sensibilizada a todos que a confortaram no doloroso transe por que passou.

CHAPA FORTE

Presid.: Roberto Fortes

Vice - Pres. - Roberto Brolio

1.º Secr. - Nelson Manoel do Rego (Regão)

2.º Secr. - Neulis Brigagão

1.º Tesoureiro - Rubens Nicoletti (Bisão)

2.º Tesoureiro - Aldo Fazzi (Apoiado)

1.º Orador - Walter Belda

2.º Orador - Tancredi Greco

VERDADE E FÉ

(Conclusão da 6ª Pág.)

que começa com uma proclamação de humildade e que termina pela simples falta de reconhecimento da limitação de si mesma ante o mistério íntimo das cousas, fanatismo que começa por negar a validade da razão e que termina por impôr obrigações que trazem em seu seio a negação d'apropria "humanidade" do homem.

A razão procura e analisa, a fé encontra e adere. Todo ato racional termina num ato de fé, e se assim não fosse ele não passaria de brincadeira vã e sem significação.

Se a evidência fosse sempre luminosa para que seu reconhecimento (ato de fé) se tornasse universal, se não houvesse uma verdade oculta pra ser descoberta e revelada aos nossos olhos, para ser comunicada aos homens nossos irmãos, de que valeria o nosso esforço, de que valeria a original concepção de Isaias Raw todo o trabalho que ela lhe

custou? de que valeriam o esforço da multidão de pensadores que enche a história, o sangue dos heróis que a construíram, o trabalho dos obreiros anônimos que nos antecederam? de que valeria a revelação divina e o sangue que o próprio Deus derramou para confirmá-lo em toda eternidade?

E essa verdade oculta, não é só a razão que a encontra e abraça, é principalmente a fé que a compreende e ama, num mistério que os pensadores modernos, em vez de aceitar e usar, querem meter na cabeça, semelhando-se áquele que em vez de navegar e nadar nas águas misteriosas e amigos do oceano, procura enfiá-las todas dentro de sua própria cabeça.

Não sejamos como eles: por uma vida de crença e de pensamento, procuremos a verdade integral e anunciemos com fé e amor todas as mensagens de que estivermos sinceramente convencidos.

São Paulo, 16 de Setembro de 1948.

NELSON MANOEL DO REGO

percebido. Suprema felicidade a nossa. Nem susto para romper o nosso gorgeio de alma felizes. Imaginem o perigo por que passamos. Imaginem! E pasmem só. Não sou sádico, não, apesar de ter como toda gente, bem no amago do sêr, uma gotinha de sádismo. Não estou fazendo uso dessa gotinha... O meu intento é mostrar agora o perigo que passamos, pois assim, daremos mais valor ao que temos. Não sei precisar a data, porem isso pouco importa. O importante é que um de nós deve dar graças aos céus, por ter escapado por um triz de ser convocado para bibliotecario á noite. Um estudante de medicina trabalhando!

E á noite, das 19 ás 22 horas! Seria o cúmulo dos cumulos. Três horas por noite! Caramba, do que a boa estrela nos livrou. E' bem verdade que aos Sabados, Domingos e Feriados aquilo fecha e a gente poderia dar uns giros por aí com a pequena, a matar de ciúmes a titia Lua. Mas pr'á que isso se não somos mendigos como os estudantes das outras faculdades? Em nossa Faculdade não há lugar para mendigos. Vejam vocês, o perigo que passamos. Salvou-nos o academico de direito, Edgard Novais França Filho, sujeito moço e já tão perseguido pelos azares da vida. Coitado. Compadecemos-nos dele...

CONFIDENCIALMENTE

Agora se tornou praxe uma brincadeira, muita divertida para os engraçadinhos que usam e abusam da mesma. Telefona-se lá para o Centro, se por acaso é um destes pobres de espírito que atende, as coisas tornam-se pretas para quem se dirige o telefonema. As vezes, o procurado é um calouro, mas nem assim o nosso amigo muito "atencioso" deixa de responder que tal pessoa está ocupada, está no Hospital operando qualquer coisa. Pasmado pergunta o interlocutor se já no primeiro ano opera-se. Acrescenta o "engraçadinho" que na nossa Faculdade os cirurgiães são precoces.

Já é tempo de se por um fim dumavez a estas brincadeiras de mau gosto.

A circulação do último número de "O Bisturi", repercutiu profundamente trazendo á baila comentarios variados.

Uma verdadeira "Matinada" ofertou-se aos leitores tão exigentes na razão direta da sua inatividade obstinante. Todos reclamaram, mas estou mais do que certo que nenhum deles vai remeter uma colaboração por mais simples que seja. Enfim, não é agora que se vai quebrar a tradição. São poucos os que fazem força, enquanto os outros primam pela indiferença, e os poucos ainda são criticados. Deixemos como está para ver como fica.

VILLELA

DESFOLHANDO

MATINAS SUZUKI

NEOLOGISMOS:

VAZIOTERIO — s. masc. — O mesmo que bioterio da Faculdade de Medicina de S. Paulo. Também corresponde a GALOINDIOTERIO, isto é, local onde o figaro da Faculdade guarda os seus galos de briga.

DIETEISTA: — Pejorativo de cozinheira.

CHUSIDTRIPSIA — Esmagamento de um inseto.

BERNARDECTOMIA — Exeresse de fecaloma cerebral.

FREQUENCIA-LIVRE — s-fem. — O mesmo que abantesma, fantasma, assombração, pesadelo, abaçai, etc. Genio diabolico que persegue os professores que têm teias de aranha no cerebro.

'O MATINAS" — s. mas. — nome que as linguas de trapo, bifidas como as das serpentes peçonhentas, dão ao "Bisturi".

H.2S

Que grandes felizardos somos nós os acadêmicos da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo. Vivemos de papo pr'o ar. Que goso, que delicia, que maravilha a nossa vida academica, neste perene "dolce far niente". Tudo calmo, tudo róseo, tudo azul, desse lindo azul do nosso céu mais rico em estrelas e que faz babar de inveja os céus alheios... Nada ameaça o nosso arrulhar cachopo. Nada. Vivemos felizes, felicissimos, felicidade de causar inveja até naquele homem que não tinha nem camisa. Nenhuma

nuvem agourenta em suas sinceras cores anuncia procela, o mar da nossa vida diaria é sereno e as suas ondas, um convite para deliciosos mergulhos. Hurra!, três vezes hurrah!. A vida assim vale a pena ser vivida. E dizer que um bestinha de filosofo alemão abortado em Dantzig, abriu a boca para dizer esta medonha asneira: "Viver é sofrer". Sofrer coisissima alguma. Uma sublime gargalhada é o que merece esse caolho psiquico que via tudo torto. Viver é sofrer. Nós somos uma prova irrefutavel e viva da mentira desse arturzinho que nunca devia ter deitado os olhos neste mundo. De filosofo ele só tinha mesmo a feiura, uma tremenda ofensa á harmonia do universo, e os cabelos eriçados que nem pelo de gato assustado. E houve quem metesse balás nos miolos por causa das mentiras dele. Idiotas. Desperdiçando chumbo atôa...

A alacridade povôa os nossos corações. E no entanto, ainda a pouco, ninguém viu o perigo que nos ameaçou. E' que desta feita, o planeta desgarrado se aproximou de fininho...; não foi o Deus nos acuda dos meus tempos de menino, quando houve choradeira á larga porque o mundo ia acabar... Daquela vez, houve choradeira e susto, porem desta vez, felizardos que somos em nosso privilegio, privilegio de arreganhar de inveja a dentuça dos nossos colegas extra-muros, o perigo eminente nem de leve foi

À Uma Caveira

Vendo-te a rir, Caveira, eternamente,
Com esse teu riso vago e misterioso,
Quem poderá saber se estás contente,
Ou se é o teu riso um rictus doloroso,
Se foste o crânio de algum rei potente
Ou de um escravo mísero e andrajoso,
Quem sabe é teu segredo.
E tens um riso alvar,
Que exprime magua e gozo.
Rís tú de dôr, de escárneo, ou de alegria,
Porque te balla um riso permanente,
No maxilar sem vida, hediondo e nú...
Bem sei, Caveira, ris tú noite e dia,
Porque eu, que te olho assim superiormente,
Não sou nem mais nem menos do que tú.

O. F. M.

Para Secretario do Departamento Científico

Romeu Cianciarulo

CHAPA

OSVALDO MONTEIRO DE BARROS



Presidente Osvaldo Monteiro de Barros

Vice-Pres. André Ricciardi Cruz

1.º Secret. Emil Sabbaga

2.º Secret. Antonio Pedro Mirra

1.º Tes. Lísias Cerqueira do Amaral

2.º Tes. Luiz Edmundo da Silva Freire

1.º Orador João Teixeira Pinto

2.º Orador Sergio Giannini

ASSOCIAÇÃO ATLETICA ACADEMICA “OSWALDO CRUZ”

Como deve ser do conhecimento geral, o Departamento de Esportes do CAOC assumirá dentro em breve um caráter diferente. Será constituída a Associação Atlética Acadêmica, agremiação que reunirá os esportistas da Faculdade de Medicina. Teremos assim uma entidade independente, com regulamentação própria e com diretoria autônoma. Estará desfeita aquela ligação, aquela dependência direta da parte esportiva do CAOC com relação á diretoria geral desse Centro.

Terão os jovens da nossa escola, daqui a poucos meses, a sua agremiação esportiva criada. E dentro dela, os esportistas, temos certeza, unidos, continuarão trabalhando pelo bom nome esportivo da Faculdade de Medicina. E' preciso porém, que neste período inicial de criação, um esforço maior seja dispendido, para que a nossa novel sociedade venha ao mundo forte e robusta, pois somente forte e robusta poderá se impor.

Os esportistas devem ter em mente que é na Associação Atlética que os gloriosos feitos do passado deverão ser honrados e que é dela que novos e brilhantes feitos partirão. As glórias e grandes conquistas do passado deverão servir de estímulo para conquistas futuras. Figuras brilhantes representaram o Departamento de Esportes do CAOC em dias que se foram; os troféus conquistados, o nome esportivo prestigiado que nos foi legado, são fatos que incontestavelmente demonstram isso. Nem sequer pensamos em mencionar grandes figuras esportivas que por esse Departamento de Esportes passaram, já por serem em grande número, já porque, temos certeza, cometeríamos injustiças, esquecendo de mencionar alguns desses bravos representantes. A Associação Atlética terá nesses homens, a sua inspiração, crescerá com o esforço e boa vontade dos jovens que presentemente a integrarão, e fará surgir novos grandes valores no futuro.

A mais séria dificuldade, ao que nos parece, na transformação do setor esportivo em Associação Atlética, será a confecção dos novos Estatutos. Porém com a dedicação e competência de bons esportistas tal tarefa será reduzida ao mínimo. E uma vez regulamentada, a nova entidade procurará bem iniciar sua vida, com o desejo de dia a dia alcançar maior projeção.

E' evidente que o desporto deve, principalmente em ambientes onde os jovens convivem quasi que permanentemente, sempre ser bem cultivado. Era em consideração a tal fato que o CAOC mantinha seu Departamento de Esportes. E é evidente que constituindo-se uma agremiação exclusivamente dedicada ás atividades esportivas desse cultivo, essa dedicação ao esporte, poderá ser melhor cumprida. Queremos mesmo acreditar que não foi outra a razão que levou as autoridades governamentais a recomendar a criação de Associações Atléticas em todas as nossas Escolas Superiores.

Hoje em dia já não se admite que um jovem não se dedique, pelo menos moderadamente, a uma modalidade esportiva qualquer. O “mens sana in corpore sano” se impõe. O saudoso mestre Afrânio Peixoto, admirado pelos brilhantes conceitos que sempre emitiu, certa vez afirmou: “No esporte como na vida”, querendo evidenciar que o esporte, é claro que se referindo áquele praticado dentro de boas normas, ensina disciplina moral. E quem conseguiu isso, cremos, tem a seu favor um grande fator de sucesso. Vencer nos esportes significa disciplina, cooperação, solidariedade eficaz; tu-

do isso o esporte proporciona. Acreditamos que nada mais se torna necessário para gabar as grandes vantagens da prática desportiva.

A Associação Atlética então, trabalhando pelo esporte, estará cooperando para uma formação impecável de nossa juventude.

Sendo o esporte de grande valia na construção de um bom caráter, nos esportistas que merecem elogios, que merecem citação por seus feitos, podemos vislumbrar, com certeza, grandes personalidades. Ainda no último número deste mesmo jornal um jovem mereceu elogios, e mesmo a reprodução de sua careta, por ter seguido o caminho da pesquisa, da “ciência”, com o que aliás não pactuamos, pois se todos os jovens que cursam a nossa Faculdade agissem da mesma maneira, a finalidade da mesma Faculdade estaria disvirtuada, uma vez que ela foi creada para a formação de indivíduos que pretendem exercer a Medicina; a pesquisa deve ser uma consequência; a Faculdade de Medicina não pretende crear “cientistas” e sim médicos, que no exercício de sua profissão, e a bem dela, realizam pesquisas. Melhor seria que os grandes esportistas merecessem elogios e que seus feitos de valor não fossem deixados sem menção; pois, como dissemos, aqueles que são capazes de realizar grandes coisas dentro do esporte, podemos taxar de indivíduos bem formados e capazes.

A Associação Atlética, organizando bem seus diversos departamentos, contando com diretores e responsáveis pelas diversas modalidades dedicados, pondo em pratica inovações de valor, somente poderá progredir. E a Mac-Med, o que de mais sério lhe caberá por zelar, já prestigiada, já fenomenal, cada vez mais se imporá; sempre imitada, nunca igualada, já conquistou o título de maior da America, título esse que a congêneres realizada por outras escolas pretende arrebatá e diante do que nos encontramos perante duas alternativas: ou consultar um entendimento em Geografia para saber se houve alguma modificação, no que diz respeito aos limites do que se chama América, ou consultar o Prefeito com o fito de saber se o Tremembé ou Pirituba já passaram a se chamar América.

V. A. N.

XIV Mac - Med

A GRANDE OPERAÇÃO

Canta! Exulta! Serafina pois a excelsa Medicina ao Popeye, famoso guapo, vai tirar de vez o papo.

A função é delicada, mas a turma está treinada e por certo com malícia, mostrará grande perícia.

A Caveira complacente, em dietética “Docente”, do espinafre vai cuidar e o cachimbo eliminar.

De perigo não está privo, porque tudo é relativo, e ocorrer pode — simplório — qualquer choque operatório.

Mas a ciência está empenhada na manobra consagrada... Não, não temas Serafina Vai vencer a MEDICINA.

TULIO MIRAGLIA

Em torno da Regata na Mac - Med

Seria interessante traçar um preview do que se espera, na próxima Mac-Med, dos remadores do CAOC. Com efeito, neste ano tal previsão poderá (?) ser facilmente deduzida dos sucessos retumbantes que nossas guarnições assinalaram nas regatas universitarias já disputadas.

Recorda-se, a proposito, que a Ac-Med deste ano foi decidida pela equipe de Remo, que deu merecida vitória aos academicos; no Torneio Estimulo patrocinado pela FUPE, nossos colegas, obtendo o 1.º posto, conquistaram o Troféu Aldo Gabriel Cauduro; e nas eliminatórias para a Olimpíada Brasileira, malgrado a coincidência com os exames, o CAOC conquistou a representação bandeirante e sagrou-se campeão nacional em águas de Parana-guá.

A lembrança dos fatos acima alu-

dados deve, porem, merecer um reparo. Trata-se da inestimável colaboração prestada pela turma do 1.º ano, que forneceu valores de incomparável grandeza, revelada principalmente na transposição dos inumeros obstaculos que tornam o remo uma variedade desportiva que conta com pouquissimos elementos. Basta lembrar a distancia que separa a Faculdade da Associação Desportiva Floresta, onde são realizados os treinos, e o tempo gasto nesse trajeto, feito ordinariamente com os recursos fraquissimos da CM TC...

Aqui fique, para concluir este rapido comentario, não somente um aplauso á valorosa turma de remadores do CAOC como tambem um incitamento á futura atuação dos mesmos em regatas academicas.

C.

Aos Estudantes da Faculdade de Medicina

São Paulo, 10 de Setembro de 1948.

Sou muito latina para permanecer indiferente ao movimento hostil que se tem processado contra a Direção do Bar desta Faculdade. Embora eu dela não faça parte oficialmente, contudo mesmo em caráter officioso gostaria de pedir agasalho a este meu desabafo, quer nas colunas do tradicional “Bisturi”, quer seja em carta como neste momento o faço.

Talvez ao terminarem a leitura desta minha amistosa explicação, estejamos de acôrdo, os Srs. e eu e vejamos que todos estamos errados: os Srs. por terem reagido quase violentamente e eu por não ter sabido dizer-lhes antes o que hoje lhes digo.

Pois bem, meus amigos! “O Refeitório está ruim...” No fundo estou de pleno acôrdo com os Srs. Tudo isto eu o sentii quando, pela primeira vez, a convite do Prof. Locchi, aqui cheguei. Em relatório que então lhe apresentei dizia eu **exatamente** isso que os Srs. agora repetem. A diferença está porém, em que como tecnica, tenho obrigação de, reconhecendo os erros, sugerir o remedio; ao que parece, assim o fiz.

Achei o refeitório em pessimas condições financeiras, com uma divida montante a Cr\$ 35.000,00 mais ou menos, com um pessoal deficiente e com instalações abaixo da critica. Adverti que um refeitório pequeno, como é o caso deste aqui, não pode manter-se satisfatoriamente com refeições a preços populares. Sugeri que se fizesse uma espécie de grande Companhia entre todas as Escolas da Universidade e se entregasse a direção desta a tecnicos experimentados, não só no ramo alimentar, como no terreno economico-financeiro. Uma Direção que contasse com recursos para reparar todos os Refeitórios que (a excepção do da Politecnica recetemente reformado), estão em pessimas condições. Desse modo o numero avultado de refeições diarias poderia permitir preços mais favoráveis.

Não andei errada nessa minha suposição, pois tendo estado aqui, há questão de um mez mais ou menos, um representante de uma grande Comp. Americana que veio estudar “in loco” o problema, ouvi dèle a apreciação de que poder-se-iam realizar refeições bem satisfatorias ao preço de Cr\$ 7,50 e mesmo apresentar alguns pratos isolados a preços menores.

Planejou-se toda a reforma neces-

sária, quer quanto ás instalações, quer quanto á formação do pessoal para o serviço. Visitou-se tudo quanto foi Casa Atacadista, Mercados e Feiras. Calculos foram feitos e estudos realizados.

De volta á America esse Representante deve estar em vias de nos enviar suas propostas, pois segundo carta recentemente recebida, a Comp está ultimando seu relatório, o qual de contrato para a Reitoria da Universidade vir acompanhado de condições versidade.

Enquanto esperamos, estamos nos mantendo pensosamente para não fechar o Bar que nos parece ser indispensável ao conforto dos Srs. Não podemos infelizmente melhorar nada, pois de junho para cá, as condições financeiras pioraram muito devido á greve do mês de junho e as férias do mês de julho. Houve um novo desequilibrio nas finanças do Bar, que a grande custo tínhamos conseguido equilibrar nos meses de março, abril e maio.

Por conseguinte, meus amigos, faço um apêlo para que cooperem comigo (que apesar de não estar na direção do Bar, aqui tenho vindo nas minhas horas vagas para ajudar, pois a comissão que me deram não foi satisfatoria e tive que regressar ao meu trabalho antigo), afim de que o Bar possa melhorar um pouco suas finanças e assim possibilite meios para servirmos mais a contento.

Um pouco de paciencia e tudo o que depender do nosso esforço será feito.

Muito cordialmente.

CELINA DE MORAES PASSOS



TIRE O BEZILHHA VEM CÁ!
NÃO VOU LA NÃO!
ESTOU VENDO O AJIPIO.
E O BISTURI NA MÃO!